

PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS: SOBRE DESENCONTROS CULTURALMENTE SIGNIFICATIVOS.

Maitê Venuto de Freitas¹

Orientador: Professor Dr. Marco Paulo Stigger²

Resumo

Este estudo sustenta-se em observações realizadas em um projeto social esportivo. Após analisar os dados, percebemos contraste entre: a violência naturalizada pelas crianças e os valores sociais transmitidos pelos professores; o interesse das crianças nas atividades e os objetivos do projeto. Tentando atender interesses e objetivos de ambos, os professores conduziam as aulas utilizando recompensas (futebol) e punições. Normas e valores transmitidos eram exercidos apenas nos domínios das quadras. Pensamos que: projetos sociais não ocorrem num vazio social; devemos questionar a transferência de valores para diferentes contextos.

Palavras chaves: projetos sociais; crianças pobres.

Abstract

This study is based on observations made in a sportive social project. Analyzing the data we can see contrasts between: the violence naturalized by the children and the social values transmitted by the teachers; the interest of the children in the activities and the project's objectives. Trying to achieve the interest and objectives of both, the teachers conducted the classes using reward (soccer) and punishment. Rules and values transmitted took place inside the courts only. We believe that social projects do not take place in social emptiness, so we should question value transmission different contexts.

Key-words: social projects, poor children

Resumen

Este estudio se sustenta en observaciones realizadas en un proyecto social deportivo. Después de analizar los datos, percibimos contraste entre: la violencia naturalizada por los niños y los valores sociales transmitidos por los profesores; el interés de los niños en las actividades y los objetivos del proyecto. Intentando atender intereses y objetivos de ambos, los profesores conducieron las clases utilizando recompensas (fútbol) y puniciones. Normas y valores transmitidos eran ejercidos a penas en los dominios de las canchas. Pensamos que: proyectos sociales no ocurren en un vacío social; se debe cuestionar la transferencia de valores para diferentes contextos.

Palabras claves: proyectos sociales; niños pobres.

¹ Graduanda, ESEF/UFRGS

Bolsista PIBIC-CNPq

² Prof. Adjunto da ESEF/UFRGS

Coord. do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF)

Introdução

O presente trabalho se originou da colaboração com a pesquisa “A participação das crianças pobres em projetos sociais de esporte, cultura e lazer: um estudo etnográfico”. O foco da investigação eram os significados que as crianças atribuíam às atividades que estavam sendo realizadas em um projeto social esportivo. Porém, enquanto estivemos presentes no projeto, chamou-nos atenção as dinâmicas sociais recorrentes entre alunos e professores. Logo nas primeiras observações, pudemos perceber que as relações sociais naquele contexto eram marcadas por desencontros e tensões. Assim, surgiram os seguintes questionamentos: de que forma as relações sociais são estabelecidas neste espaço? Que desencontros são esses? Quais as estratégias utilizadas por professores e alunos para que as atividades aconteçam? E como isso se relaciona com as possibilidades de alcançarem (ou não) os objetivos do projeto?

Inicialmente discorreremos sobre o projeto (atividades oferecidas e funcionamento das mesmas), após apresentaremos aspectos metodológicos do estudo, e por fim, levantaremos algumas reflexões que surgiram ao longo das observações.

O Projeto Social

O projeto social estudado é de cunho religioso, planejado pela Rede Marista de Solidariedade. O público alvo são crianças e adolescentes considerados em situação de vulnerabilidade social. As turmas são distribuídas entre jovens da mesma idade (11 a 16 anos) e do mesmo sexo. As atividades acontecem de segunda à sexta-feira no turno inverso ao da escola. São realizadas práticas de diferentes esportes coletivos, atividades pedagógicas (assim nomeadas pelos professores), aulas de informática e treinamento das equipes de futsal e futebol.

Os treinos das equipes acontecem nas terças e quintas-feiras. Estas são compostas por crianças que passam pelo “peneirão” (expressão usada pelas crianças), ou seja, um processo seletivo de crianças que possuem o perfil adequado para comporem as equipes. Segundo um dos professores, as crianças que participam das equipes devem ser mais disciplinadas. Já a *atividade pedagógica* é constituída por atividades não esportivas como leituras de texto, produções de trabalhos, de cartões, etc. O principal objetivo é transmitir valores sociais para os jovens. A atividade pedagógica não é realizada nos dias em que há treinos.

Metodologia

Foram realizadas observações diretas durante maio e junho de 2009. Acompanhamos os sujeitos nas segundas-feiras pela manhã, dia em que as crianças praticavam esportes coletivos e participavam da atividade pedagógica, e nas terças-feiras à tarde, dia em que as equipes treinavam. Durante este período foram realizados 16 diários de campo.

Desencontros e Negociações

O projeto social é composto por diferentes modalidades esportivas e atividades pedagógicas. Em relação a esta última, eram notórias as reclamações e o aparente desinteresse por parte dos alunos. Apesar de existir envolvimento das crianças durante esta atividade, no início de cada aula havia com frequência reclamações e perguntas do tipo: “vai ser rápida para a gente jogar futebol?”, como mostram os exemplos:

A professora pegou alguns livros, um menino, vendo os livros, exclamou: “Que é isso? Tá louco!”. O garoto mostrou desânimo ao avistar a pilha de livros. A professora, ignorando alguns comentários de insatisfação começou a explicar a atividade (Diário de campo, 25/05/09).

Alguns meninos perguntaram ao professor se a atividade pedagógica seria fácil e rápida e se após teria futebol. Em função das perguntas insistentes o professor disse à turma que o projeto não se constitui apenas de futebol e que o objetivo dele é ensinar muitas coisas, entre elas os valores (Diário de campo, 22/06/09).

De acordo com os objetivos do projeto, as atividades pedagógicas tinham como fim ensinar para as crianças valores sociais, educação, cooperação, etc. Os professores, na maioria das vezes, despendiam grande parte do tempo argumentando e convencendo os alunos da relevância desta atividade e como seria divertido participar. Apesar das tentativas na transmissão dos valores, os comportamentos das crianças muitas vezes iam de encontro com os ensinamentos.

A professora chamou a atenção dos meninos para o fato de nenhum deles ter posto no seu trabalho a palavra “educação”, então ela perguntou aos garotos o que eles fazem no projeto, um dos meninos respondeu que eles brigam, todos riram. (Diário de campo, 25/05/09).

É comum observarmos um grande empenho dos projetos sociais esportivos em educar e transmitir valores para os jovens. Lazzari (2009) desenvolveu uma pesquisa em um projeto social esportivo de tênis, em suas observações ficou evidente o objetivo do projeto em educar através do esporte. No entanto, as crianças, ao praticarem as atividades esportivas, em alguns momentos, adotavam condutas contrárias aquelas desejadas pelo projeto, como competições e disputas a “qualquer preço” (p. 47). Para que as crianças mantivessem uma educação adequada neste espaço, os professores se utilizavam de regras, punições e recompensas.

O mesmo foi observado no projeto em discussão. O comportamento considerado adequado era ainda mais *cobrado* das crianças que participavam das equipes: “as crianças das equipes deveriam ser mais educadas, mas não é o que de fato acontece” (prof. Luís). Por conta disso, algumas punições eram adotadas: em um determinado dia avistamos, fixada na parede da sala, uma lista de crianças que não poderiam,

temporariamente, participar dos treinos das equipes porque tinham tido mal comportamento.

Apesar do esforço dos professores em evitar as brigas, estas estavam presentes no cotidiano do projeto. As agressões físicas e verbais pareciam fazer parte da lógica das relações entre as crianças, pois eram tratadas com naturalidade tanto por meninos quanto por meninas. As brigas na maioria das vezes se originavam de brincadeiras, muitas vezes não conseguíamos diferenciar se as crianças estavam brincando ou brigando. Isso ocorreu numa das observações:

Fomos até o corredor esperar o ônibus com os jovens. Eles estavam dispersos, corriam no espaço, agrediam uns aos outros, pareciam estarem brincando, mas de repente dois meninos começaram a brigar. As meninas também se empurravam, agrediam os meninos com socos e palavrões. Olhei para o lado e vi um menino sendo colocado no latão de lixo por outros dois garotos; um professor foi intervir, porém um dos garotos enfrentou o professor. Logo depois os mesmos garotos pegaram a mochila de outro menino e colocaram no lixo, em seguida pegaram o próprio menino e colocaram no latão de lixo. Vi um menino no chão e outros dois chutando, eles pareciam estar brincando de polícia e ladrão, mas o rapaz caído no chão estava chorando. Alguns meninos levantaram o colega e o levaram até o coordenador do projeto. Perguntei aos meninos o que tinha acontecido e eles contaram que o rapaz tinha sido colocado contra a parede e outros dois garotos chutaram uma de suas pernas afastando-as demasiadamente (Diário de campo, 12/05/09).

Wizer (2006), ao estudar o programa social Escola Aberta em uma escola municipal, também percebeu a presença da violência entre as crianças. Havia admiração, por partes das crianças, pelos indivíduos envolvidos com o tráfico da comunidade, pois estes exerciam o poder através da violência e adquiriam respeito. Diante destes fatos, a autora sugere que a violência era um meio pelo qual as crianças encontravam de resolver conflitos, impor respeito e legitimar poder perante as outras crianças. Porém, no contexto onde realizamos as observações, é importante ressaltar que as brigas e as violências entre as crianças aconteciam mais intensamente fora dos domínios das quadras. Dentro das salas e quadras os conflitos eram mais contidos e as brigas ocorriam com menos frequência.

Diante das dificuldades, algumas estratégias eram utilizadas pelos professores para o bom comportamento ser mantido e também a motivação das crianças. Em um torneio planejado, as equipes perdiam pontos caso não se comportassem bem dentro e fora de quadra. Existiam em torno de quatro equipes subdivididas, e se uma dessas equipes perdia ponto, por comportamento, todos daquela equipe perdiam também. Com isto, os jovens chamavam a atenção uns dos outros para que todos mantivessem o comportamento de acordo com o esperado.

Outra estratégia bastante utilizada era disponibilizar os minutos finais da aula para o futebol ou ainda retirar do planejamento da semana a atividade pedagógica. Mais de uma vez vi professores alegando que não tinham se preparado adequadamente para realizar a atividade com as crianças. Outro argumento era de que seria a segunda

semana consecutiva que esta atividade estava prevista no planejamento do mesmo professor, por conta disso, o cronograma era alterado:

Um garoto disse para a professora que queria jogar futebol, esta afirmou que quando terminassem de realizar a atividade todos iriam jogar futebol. A professora relatou que as crianças ficam muito cansadas da atividade pedagógica e que iriam jogar futebol para descontrair. (...) Um menino gritou para os outros que faltavam sete minutos para as 10h30min. e que teriam que correr para arrumar tudo para que conseguissem jogar futebol no final da atividade. Todos se mobilizaram para organizar os materiais (Diário de campo, 25/05/09).

O trecho acima mostra que havia um acordo entre as crianças e a professora, pois em troca dos minutos finais da aula para o futebol a professora pediu colaboração com a atividade proposta e a organização dos materiais utilizados. Presenciei muitas situações semelhantes a estas em diversas atividades. O futebol, por ser a atividade preferida tanto por meninos quanto por meninas, funcionava como “moeda de troca”. Quando as crianças se comportavam mal dentro das quadras e salas a ameaça mais freqüente era a retirada do futebol da aula:

A atividade na quadra continuava turbulenta até que o professor mandou todos sentarem no chão da quadra, ameaçou não deixá-los jogar futebol se não obedecessem à ordem. Alguns pareciam contrariados, mas fizeram o que o professor ordenou (Diário de campo, 04/05/09).

A professora combinou com as garotas que no final da aula, como de costume, as liberaria para jogarem o que tinham vontade, porém teriam que participar da atividade que ela iria propor (Diário de campo, 15/06/09).

Na chamada *Semana Champagnat*, um evento criado para homenagear São Marcelino Champagnat, fundador da rede Marista, o futebol não fazia parte do cronograma. Dentre as atividades propostas nesta semana estavam teatros, criação de um livro de histórias, depoimentos das crianças, apresentações de dança, entre outras. Pelo fato do futebol não compor as atividades, no início das aulas presenciei muitas reclamações, como mostram as situações narradas abaixo:

Um menino perguntou ao professor se teria futebol, o professor respondeu que não. O menino, depois de algum tempo, foi perguntar para outro professor se as equipes também iriam participar da Semana Champagnat, o professor respondeu que sim e o garoto exclamou: “Mas são as equipes!”. O menino demonstrou não encontrar sentido na participação das equipes nesta atividade (Diário de campo, 01/06/2009).

A professora explicou para as crianças que nesta tarde seriam realizadas atividades diferentes e alertou que durante toda a

semana as crianças deveriam ir ao projeto preparadas para não jogarem futebol. Um menino, ainda não convencido, perguntou para mim se teria futebol, eu respondi que não. O garoto expressou verbalmente e fisicamente, dando um soco no ar, a sua insatisfação (Diário de campo, 02/06/09).

Apesar da insatisfação inicial, percebi que as crianças se envolveram com as atividades. No dia em que esse evento iniciou, os professores apresentaram uma peça de teatro e após, todos deveriam criar um símbolo e um hino referente à determinada fase da vida de São Marcelino. A maioria das crianças se envolveu com os desenhos e as músicas que estavam criando.

Considerações Finais

Podemos afirmar que o projeto social estudado é um espaço de socialização onde as crianças passam por um processo de aprendizado de normas e valores. Um dos professores evidencia a socialização quando afirma que as crianças que estão a mais tempo no projeto possuem um comportamento melhor do que aquelas que entraram recentemente, pois estas últimas ainda não estão “acostumadas” com as regras do projeto.

Porém, é perceptível que o comportamento das crianças fora dos domínios das quadras seguia uma lógica diferente daquela ensinada pelo projeto social. Segundo Thomassim (2009, pág. 8) “é preciso localizar na vida das crianças e adolescentes a importância destes espaços e vivências em diálogo com outras variáveis, como suas trajetórias de vida, as demais relações sociais, suas condições de vida”. Esperar que estas crianças levem os ensinamentos transmitidos pelos professores para outras esferas de suas vidas é ignorar a situação e o contexto social em que vivem.

Tanto as crianças, quanto os professores, possuem trajetórias de vida que contribuem para a construção dos valores e normas sociais compartilhadas pelo grupo ao qual fazem parte. Desta forma, nos contextos dos projetos sociais, nem sempre existe o encontro entre os objetivos das crianças e os dos professores.

Para que as atividades acontecessem e para que ambos alcançassem seus objetivos, algumas estratégias eram utilizadas. Muitas vezes o bom comportamento das crianças e colaboração com as atividades era motivada pelo acesso ao futebol. Os professores algumas vezes alteravam o cronograma do projeto para que as crianças praticassem as atividades que mais apreciavam. A partir destas estratégias, chamamos atenção para o fato de o futebol ser utilizado como uma ferramenta de troca pelo bom comportamento. Diante disso, acreditamos ser importante questionarmos: sendo o esporte um direito, o que justifica usá-lo como moeda de troca?

REFERÊNCIAS

LAZZARI, A. **A socialização de crianças e adolescentes no contexto de um projeto social de tênis**. 2009, 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Educação Física, Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

THOMASSIM, C. E. L.; GONZÁLES, J. F.; FREITAS, V. M. **Desigualdades sociais e invisibilidade de classe: projetos sociais e a criança como “problema social”.** In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009, Salvador. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador: CCB, 2009.

WIZZER, T. R. **Infância e lazer no contexto do programa Escola Aberta: uma investigação na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima.** 2006, 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Educação Física, Escola de Educação física, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

CONTATO: Maitê Venuto de Freitas
Rua Felizardo, nº 750, LAPEX sala 106b, Jardim Botânico
90690-200 - Porto Alegre, RS - Brasil
venutodefritis@gmail.com